

Eleitores levam constituintes a mudar para 4 anos

Fotos de arquivo — 29/6/85

28/5/86

15/7/87

Deborah Berlinck

BRASÍLIA — O recesso de 15 dias no final de ano conseguiu uma proeza que em meses a Constituinte não foi capaz: mudar votos até dos mais ferrenhos integrantes do *Centrão*. "O bigodudo (presidente José Sarney) que me desculpe. Se ele não der um jeito rápido nesse país, beijinhos, porque vou ter que votar nos quatro anos de mandato, com o povo", disse o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ), que até o Natal era um dos mais barulhentos defensores dos cinco anos de mandato para Sarney.

A maior surpresa, entretanto, foi o deputado Nilson Gibson (PMDB-PE), sarneysista "doente", como ele mesmo diz, e defensor de seis anos de mandato. Depois de passar dias visitando eleitores no interior de Pernambuco, Gibson voltou a Brasília com um discurso tão inovador que assustou até alguns líderes da ala progressista do PMDB. O deputado, que se dizia "Sarney, acima de tudo", agora defende estabilidade no emprego, hora-extra em dobro e diretas em 1988 para presidente da República.

"Realmente, o povo está preocupado com eleições. Continuo com a minha tese jurídica, de que seis anos para Sarney é um direito adquirido. Mas a situação de Sarney está difícil. Se o governador Arraes (defensor de quatro anos) me pedir para votar nos quatro anos, dou minha palavra: ele pode contar com meu voto", disse Gibson, que votou nos cinco anos na Comissão de Sistematização, no ano passado, apesar dos apelos de Miguel Arraes. O governador, na ocasião, chegou a mandar um emissário (Marcos Cunha, seu assessor) para mudar o voto do deputado. Sem sucesso.

Bases assustam — A súbita mudança nos discursos não é fenômeno detectado só no *Centrão*. A maioria dos constituintes voltou dos feriados assustada com a constatação de que os políticos, independentemente de partidos, estão em baixa junto ao eleitorado. "É incrível o descrédito. Eu passei mais tempo explicando o quanto nós trabalhamos do que fazendo pregação política", contou o deputado Pimenta da Veiga (PMDB-MG).

Aliás, dentro do PMDB, essa preocupação já foi motivo para várias reuniões. Até o governador do Rio de Janeiro, Moreira Franco, que de repente mudou seu voto de cinco para quatro anos de mandato, disse numa reunião com lideranças do partido, na semana passada, que se o PMDB não se cuidar agora corre o risco de ser confundido com a velha Arena nas ruas. Com essa tese, Moreira arrastou o governador de São Paulo, Orestes Quéricia, para o movimento dos quatro anos.

"A gente sai nas ruas e as pessoas nos olham atravessadas. A imagem do PMDB, então, está um desastre. Estamos carregando injustamente um ônus muito grande", disse a deputada Rita Camata (PMDB-ES), que voltou de seu estado impressionada com as cobranças do povo, espe-

cialmente nas questões sociais. Em relação ao mandato, Rita não conseguiu mudar o voto de seu marido, o senador Gerson Camata, que defende cinco anos. "É que ele fala com o coração, mas agora temos que falar com a razão", justificou.

"Culpa do governo" — O deputado Hermes Zanetti (PMDB-RS) telefonou a um amigo para desejar feliz Natal e recebeu, em troca, uma cobrança: "Oh, Zanetti, vocês não têm medo de sair na rua, não?". O deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE), que comanda um programa de rádio em Recife, chamado *Falando francamente*, disse que teve de suspender entrevistas políticas da programação por problema de audiência. Durante uma entrevista com dois deputados estaduais, um ouvinte telefonou para o rádio e, no ar, disse o seguinte: "Quero registrar que o Brasil só se salva quando botarmos todos os políticos num navio e afundá-lo em alto-mar".

O deputado Gerson Peres (PDS-PA), defensor de cinco anos, com parlamentarismo, foi cercado por um grupo de donas-de-casa num supermercado em Belém. "Fazendo compras, heim deputado? Está olhando bem os preços?", ironizou uma senhora. "E eu tive que passar meia hora explicando para ela que deputado não tem nada a ver com aumento de preço, que isso é culpa do governo e não nossa", contou Peres, que está sendo pressionado pelos seus três filhos (ele não se decidiu) para votar nas diretas em 1988.

"É, não está fácil. As pessoas estão reclamando da demora da Constituinte. Os meus eleitores se queixaram do *Centrão* e me pediram eleições o mais rápido possível", conta o deputado Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP).

Robertão nega — Na visita que o deputado Roberto Jefferson fez a Paraíba do Sul, seu reduto eleitoral, representantes de associações de moradores cobraram explicações sobre a posição do *Centrão* contra a estabilidade no emprego e hora-extra em dobro. "Fiquei meia hora explicando que o *Centrão* não quer derrubar as conquistas sociais do povo e que tínhamos uma proposta melhor para eles. Estou impressionado com o clima de pessimismo".

Com o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), um dos principais líderes do *Centrão*, foi tudo diferente. "Isso tudo é mentira. Eu fui aplaudido por garçons, por pessoas na rua. O trabalhador, pelo menos os que estiveram comigo, não querem essa estabilidade nem horas extras em dobro", garantiu Robertão.

O deputado Expedito Machado (PMDB-CE), também do *Centrão* e amigo pessoal do presidente Sarney, reconheceu que a imagem dos políticos nas ruas é a pior possível. Mas isso não vai mudar posição dos defensores de cinco anos, aposta. "Tudo bem, nós temos um governo ruim, mas é da gente. E o próximo, vai ser de quem? Não somos malucos", disse.



Rita: "A imagem do PMDB está um desastre"



Jefferson: Adeus ao "bigodudo"



Plínio: queixas contra o Centrão



Peres: "Fazendo compras, hein?"

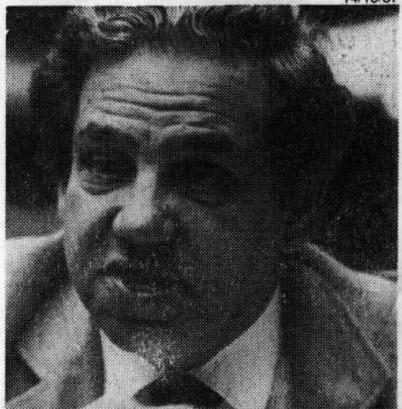
Nilson Gibson

Amigo do poder, rende-se à voz que vem das ruas

RECIFE — "Sempre fui governo". É assim, com simplicidade, que o constituinte Nilson Gibson, 52 anos, advogado, fundador do extinto MDB de Pernambuco, explica sua intimidade com os palácios, que frequenta com familiaridade desde 1974. Fiel a essa postura, ele se transferiu do MDB para a Arena, tornou-se grande defensor dos militares, transformou-se no símbolo do malfufismo pernambucano e, voltando às origens, refiliou-se ao PMDB em 1986, ao perceber que Miguel Arraes seria eleito governador.

Os críticos creditam suas sucessivas eleições à aproximação com os palácios e ao fisiologismo; Gibson diz que se elege graças ao "trabalho árduo". Em verdade, ele vive à cata de emprego para seus cabos eleitorais do interior, e não deixa de visitá-los sempre que pode. Quanto aos mais de dez prefeitos que o seguem, costuma levá-los a Brasília para audiência com ministros.

Dono dos cargos de confiança nos municípios em que é mais votado, não teve problemas enquanto Arraes e Sarney se entenderam, mas quando o governador de Pernambuco passou a apoiar um mandato menor para o presidente da República, ele teve de tomar uma posição. Optou então pelos quatro anos, que lhe pareceram coincidir com a vontade popular. E, satisfeito, explicou-se: "Não posso faltar ao dr. Arraes."



Nilson Gibson: de Sarney a Arraes

Quéricia contesta Leônidas e quer eleger só presidente

SÃO PAULO — A única eleição em jogo é a de presidente da República, e apenas esta deve se realizar em 1988, e não eleições gerais, considerou, ontem, o governador Orestes Quéricia, ao discordar da posição do ministro do Exército, General Leônidas Pires Gonçalves, favorável ao pleito em todos os níveis.

Com uma veemência pouco comum de sua parte, Quéricia discordou do ministro do Exército, em entrevista na manhã de ontem, ao inaugurar o terminal turístico para pessoas de baixa renda, no canal da Bertogã, litoral norte de São Paulo, antes de viajar para Brasília. "O mandato que está em questão é o do presidente da República, não o dos parlamentares ou governadores. Por isso a eleição deve ser apenas para presidente".

Para Quéricia, a defesa de eleições gerais, feita pelo general Leônidas anteontem em Recife "foi apenas um argumento que ele usou. Apenas o mandato presidencial está em jogo, numa discussão aberta pelo próprio presidente da República, quando anunciou que abria mão de um período de 6 para um de 5 anos".

Numa manhã em que reiterou várias vezes que não será candidato à sucessão do presidente José Sarney, o governador paulista informou que exatamente esse seria um dos temas que trataria às 18 horas, na audiência com o chefe do governo, que o convocou ao Palácio do Planalto.

"Hoje estou convencido", confessou o governador "de que a decisão será por um mandato de 4 anos, porque essa é a tendência da Constituinte e o pensamento dominante em todas as camadas sociais do país. Por isso, dificilmente a Constituinte conseguirá escapar de votar os 4 anos".

No futuro, a Presidência da República é um de seus objetivos, admitiu Quéricia, embora jurasse não pretender disputá-la agora. "Fui vereador, deputado estadual, senador e tenho uma carreira política pela frente. Se puder ser presidente da República um dia, se tiver condições de me eleger, é óbvio e evidente que gostaria de ser. Mas nesta fase tenho responsabilidades com o povo, como governador de São Paulo. Estou no cargo há menos de um ano e não poderia deixá-lo para disputar outra eleição", explicou.

Empenhado em esvaziar a reunião dos peemedebistas históricos programada para depois de amanhã, em Brasília, e articulada pelo presidente ex-governador Franco Montoro, Quéricia não só reiterou sua disposição de não comparecer ao encontro, como não deixou de alfinetar os que o organizam.

"Não vou à reunião, os outros governadores também não vão, muita gente não comparecerá, porque é a reunião de um grupo, quando, na realidade, o ideal seria que tivéssemos uma reunião de todo o partido".

Empresário defende diretas já

BELO HORIZONTE — O presidente da Fiemg — Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais, de 86 anos, defendeu ontem a realização de eleições gerais em todos os níveis em 88, temendo a eleição de Leonel Brizola — uma ameaça que comparou à Aids — para a Presidência da República.

"Sarney pecou pelo imobilismo completo. Já está indo para o quarto ministro da Fazenda e não teve nenhum plano que acertasse", afirmou Nansen Araújo. Ele garantiu que, nas reuniões da CNI — Confederação Nacional das Indústrias — da qual é vice-presidente, tem colhido das demais lideranças empresariais apenas desânimo, pela dificuldade que tem em "assumir uma posição que impeça a estagnação da atividade industrial".

Nansen S/A — indústria de instrumentos de precisão, de Contagem (MG), diz que tinha confiança no Plano Cruzado do ex-ministro Dilon Funaro. Ele acha que o presidente Sarney cometeu o seu "grande erro" ao atender o pedido do PMDB, de segurar as medidas de Dilon Funaro para depois das eleições de 1986. "O PMDB ganhou no país inteiro e, quando veio a segunda fase do cruzado, já era tarde", disse.

Definindo-se como parlamentarista, Nansen Araújo, ao mesmo tempo em que pede eleições já para presidente, levanta um problema que julga tão grave quanto continuar como está: "Está difícil encontrar nomes, pois os que apareceram até agora não servem, e há o perigo representado por Brizola. Esse homem é a Aids do Brasil", afirmou.